

# IV SIMPÓSIO PEHCM UFABC

04 A 05 DE NOVEMBRO DE 2022



Reaprender e reinventar: ensino e história das ciências e da matemática em tempos de pandemia

## Laróyé: repensando a Formação de Professores através das africanidades

**Thiago Augusto Pestana da Costa** – Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ensino e História das Ciências e da Matemática (PEHCM) da Universidade Federal do ABC  
[thiago.pestana@ufabc.edu.br](mailto:thiago.pestana@ufabc.edu.br)

**Marcelo Zanotello** – Docente no Programa de Pós-graduação em Ensino e História das Ciências e da Matemática (PEHCM) da Universidade Federal do ABC  
[marcelo.zanotello@ufabc.edu.br](mailto:marcelo.zanotello@ufabc.edu.br)

**Linha de pesquisa:** Formação de Professores de Ciências e Matemática - FP

**RESUMO:** Laróyé é uma saudação ao Orixá Èsù, Senhor da comunicação e das encruzilhadas onde nos encontramos com a Formação de Professores. Para tanto, precisamos agir urgentemente repensar sua estrutura considerando as africanidades como possibilidade de romper com o racismo científico que desde o século XIX assombra o campo da educação silenciando as narrativas pretas que tanto podem contribuir para a formação dos futuros profissionais da educação. A proposta, portanto é assumir a responsabilidade com uma Formação de Professores emancipadora civilizatória e combativa ao racismo e as desigualdades nas escolas e universidades.

**Palavras-chave:** Formação de Professores; Africanidades; Educação Antirracista.

### INTRODUÇÃO

Laróyé é uma saudação ao Orixá Èsù, a gratidão pelas boas trocas na qual a divindade africana assume o posto de Senhor da comunicação e dono das encruzilhadas da vida. Nessa encruzilhada que nos encontramos com a Formação de Professores, campo permeado por teorias complexas, epistemologias debatidas, refutadas e consolidadas fomentando as discussões sobre o que se fez o que está em curso e, sobretudo o que pode ser feito para a Formação de Professores. Acreditamos que o campo da Formação de Professores precisa urgentemente repensar sua estrutura considerando as africanidades como possibilidade de romper com o racismo científico que silencia as narrativas pretas que tanto podem contribuir para a formação dos futuros profissionais da educação.

A proposta desse trabalho é repensar a Formação de Professores a partir das Africanidades abrindo possibilidades para o diálogo entre esse campo de formação e a

# IV SIMPÓSIO PEHCM UFABC

04 A 05 DE NOVEMBRO DE 2022



Reaprender e reinventar: ensino e história das ciências e da matemática em tempos de pandemia educação antirracista. A subversão da ordem em questão se dá pelo fato de pensarmos a Formação de Professores para além dos referenciais teóricos eurocêntricos ou norte-americanos. Isso não significa que devemos abandonar esses estudos ou até mesmo boicotar seus resultados, pelo contrário, tomar parte dessas discussões nos possibilita entender a forma que pensam, e, em que medida determinada teoria foi colocada na prática da Formação de Professores. A proposta aqui em si é a de sair do altar da Europa e reivindicar um espaço nessa construção teórica hegemonicamente consolidada na academia. É necessário, pois, ventilar no campo acadêmico outras possibilidades formativas fazendo valer a lógica do espiral de Èsù que no campo acadêmico é conhecido como dialético.

Para tanto, o conhecimento histórico se faz necessário. Historicamente, a História do povo preto sempre foi contada sob a perspectiva branca eurocêntrica. Trabalhos como os de Prado Jr (2000), Gilberto Freyre (2006) e Holanda (1995) ainda são utilizados como uma espécie de intérpretes do Brasil, porém, não dão conta da complexidade que foi o período colonial, muito menos no que diz respeito à representatividade preta em seus estudos. Acreditamos que a Formação de Professores, independente do campo de atuação científica, carece de conhecimentos históricos elementares para que saibam de que maneira foi escrita e construída a História do Brasil. Para tanto, é preciso um esforço interdisciplinar para compreender as contradições, lutas e resistências do passado que dão bases justificáveis no entendimento sobre as lutas contra o racismo no presente. Afinal de contas, não é possível pensar em Ciência dissociando dela a luta antirracista e a promoção de uma formação que possa repensar o espaço acadêmico ainda majoritariamente branco tanto por discentes quanto por docentes. É preciso repensar na Formação de Professores considerando outras possibilidades de diálogo, incluindo nessa formação, autoras e autores pretos que trabalham há décadas falando de educação, formação e combate ao racismo, sobretudo no âmbito acadêmico.

Em função disso, seguimos repensando a Formação de Professores onde segundo Nogueira e Souza (2022, p. 25), o “giro epistemológico por uma educação antirracista implica em construir coletivamente narrativas que resgatam memórias e traduzem experiências forjadas em valores civilizatórios como: oralidade, corporalidade, e ancestralidade”. Esse “giro epistemológico” é um esforço e reflexo daquilo que a população preta foi paulatinamente sendo persuadida a esquecer por conta de uma estrutura racista que tende a

# IV SIMPÓSIO PEHCM UFABC

04 A 05 DE NOVEMBRO DE 2022



Reaprender e reinventar: ensino e história das ciências e da matemática em tempos de pandemia silenciar saberes ancestrais africanos para promover os falaciosos discursos de progresso da Europa. Não há mais tempo para fingir que nada está acontecendo, muito menos de aceitar essa condição naturalizando a ausência de discursos pretos na Formação de Professores.

## AFRICANIDADES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Africanidades surge como uma possibilidade, uma contradição que subverte os moldes acadêmicos, pois age com o princípio de circularidade tendo como finalidade a troca, a ancestralidade e principalmente os saberes africanos que atravessam a linha do tempo nos ensinando no presente que a chegada sempre foi o ponto de partida. A Ciência de modo geral deve muito aos povos africanos, em especial aos que forçosamente foram despejados no Brasil. Esses corpos com cultura, conhecimentos, saberes ancestrais foram silenciados por um projeto denominado colonização. A consolidação do preto no campo acadêmico ainda é um exercício dificultoso de ser visto, pois o racismo, herança dos tempos de colonização, arrancou da população preta a oportunidade de ascender a espaços majoritariamente ocupados pela branquitude. Ainda sobre a Ciência diz a filósofa Sueli Carneiro:

Depois veio a ciência. A construção das noções de inferioridade e de superioridade dos povos, com ápice no racismo do século XIX, constitui-se em um longo acúmulo teórico de diferentes disciplinas, em especial as ciências naturais no que concernem à classificação e a diferenciação dos homens, em regra com base nos conhecimentos da botânica e da biologia, transportados para a espécie humana (CARNEIRO, 2011, p. 153).

Uma Formação de Professores feita com os princípios das africanidades tendem a dar contribuições relevantes para os futuros docente sendo exatamente o oposto da forma que pensavam os cientistas citados por Carneiro. O conceito de africanidades aqui trabalhado corrobora com aquele explicado por Munanga (2020, p. 66-67), ou seja, uma construção cultural coletiva preta e não àquela política e ideologicamente defendida pelos pan-africanistas. Estamos longe também de querer colocar as africanidades dentro de uma caixa conceitual, pois não teria sentido aprisionar ou rotular as africanidades tal como fizeram os colonizadores europeus. Entendemos as africanidades e sua ligação com a liberdade, cultura, as crenças ancestrais de terreiro<sup>1</sup> postas em prática para além do espaço a ele destinado,

---

<sup>1</sup> Embora tenhamos uma Constituição (1988) importante do ponto de vista do estado democrático de direito, há certa contradição em seu teor de laicidade do Estado, sobretudo quando lemos em seu próprio preâmbulo a frase “sob a proteção de Deus” e nosso dinheiro “Deus seja louvado”.

# IV SIMPÓSIO PEHCM UFABC

04 A 05 DE NOVEMBRO DE 2022



Reaprender e reinventar: ensino e história das ciências e da matemática em tempos de pandemia ciência, tecnologia e toda a circularidade garantida graças à tradição oral que rompeu com os grilhões do silenciamento colonial. Essa postura requer mudança e conforme Rufino (2019, p. 83), “podemos considerar que a perspectiva da imobilidade e da não transformação é uma das pretensões da política colonial” e não é possível que deixemos a Formação de Professores na inércia temerosa pelo novo transformador que se apresenta ao colocarmos à disposição dessa formação os saberes contidos nas africanidades.

O conhecimento sobre as africanidades só vão começar a surtir efeito se nós conseguirmos fazer circular esses saberes. Para Silvério (2013, p. 160-161), desde -3000 até o século XIX da nossa era, a civilização egípcia, por exemplo, deu conta do seu desenvolvimento desde a criação de abelhas que produziam mel, até a produção industrial têxtil e papel, assim como a fabricação de vidro com conhecimentos adquiridos em seus intercâmbios na Ásia, além da produção do pão, cerveja e o domínio de técnicas de navegação e criação de animais para o consumo e transporte. Na matemática temos o seguinte exemplo:

Os iorubás tem um sistema numérico extremamente complexo de base vinte. Os números dos Iorubás da Nigéria compõem um sistema interessante, complexo que foi expandindo com a finalidade de contar um grande número de cauris (búzios), conchas usadas como dinheiro. Os iorubás usavam adição, multiplicação e subtração (MACHADO, 2014, p. 28)

Temos uma ligação forte com os povos iorubás no Brasil para além da dicotomia entre senhores e escravizados. Tantos outros exemplos poderiam ser dados e discutidos sobre os saberes ancestrais africanos e seu amálgama com as africanidades, porém, o diminuto espaço que temos não permite maiores exposições. Repensar a Formação de Professores exige uma profunda mudança no comportamento acadêmico euroreferenciado. Precisamos entender qual será o impacto no campo da educação, se não pensarmos em estratégias que reforcem a necessidade de uma formação e educação antirracista. Para Ribeiro (2019, p. 24), “o mundo apresentado na escola era o dos brancos, na qual as culturas europeias eram vistas como superiores, o ideal a ser seguido”. É justamente contra esse pensamento de ideal é que precisamos repensar a Formação de Professores para que não cometamos no presente os mesmos erros e cometidos e silenciamentos do passado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, acreditamos que o desfecho acerca da Formação de Professores necessita de

# IV SIMPÓSIO PEHCM UFABC

04 A 05 DE NOVEMBRO DE 2022



Reaprender e reinventar: ensino e história das ciências e da matemática em tempos de pandemia um amplo debate acadêmico que possa dar conta dos séculos de silenciamento acerca dos saberes ancestrais africanos. Isso exige maturidade e responsabilidade civilizatória para que as narrativas pretas possam começar a ganhar corpo engrossando o caldo dos saberes milenares africanos a serem discutidos, pesquisados e incentivados nas universidades. É possível que o maior entrave para a aplicação dessa desconstrução da Formação de Professores seja a falta de entendimento sobre o que é importante para o debate formador e étnico alheio ao seu, ou seja, é necessário certo esforço para entender as reivindicações sobre o contato com os trabalhos produzidos por pessoas pretas entendendo as contribuições que estes estão dispostos a dar para os futuros docentes do campo da educação.

Uma Formação de Professores que desconsidere a importância desse tema está fadada ao fracasso epistemológico esgotando as possibilidades de avançar não só na aquisição de novos saberes, como também na oportunidade de fazer do campo acadêmico um espaço antirracista contribuindo então com o epistemicídio desenfreado, sobretudo no campo da educação com a Formação de Professores que deve estar ciente desses problemas de modo a capacitar os futuros docentes para o efetivo combate ao racismo e as desigualdades nas escolas e universidades.

**O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Portaria Nº 206, de 04 de setembro de 2018.**

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. – São Paulo: Selo Negro, 2011.

*Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em:  
[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf);  
Acesso em: 20 set. 2022.

COSTA, T. A. P. da. *Desconstruindo a História do Brasil: da colônia ao império*. 1ª ed. São Paulo: Todas as Musas, 2016.

FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. 51ª ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil* – 26ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

# IV SIMPÓSIO PEHCM UFABC

04 A 05 DE NOVEMBRO DE 2022



Reaprender e reinventar: ensino e história das ciências e da matemática em tempos de pandemia

MACHADO, C. E. D. *Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodescendente*. (Versão Digital licenciada pela BOOKESS a Thiago Augusto Pestana da Costa).

MUNANGA, K. *Negritude: usos e sentidos*. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NOGUEIRA, S. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2020.

PRADO, J. C. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

RIBEIRO, D. *O pequeno manual antirracista*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RUFINO, L. *Pedagogia das encruzilhadas*. – Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SILVÉRIO, V. R. *Síntese da coleção História Geral da África: Pré-história ao século XVI*. – Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

SOUZA, E.; NOGUEIRA, S.; TABET, G. (Orgs.). *Giro Epistemológico: para uma Educação Antirracista*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.